

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A PARCEIRA ENTRE A UNIVERSIDADE E A ESCOLA

1. Introdução

A formação de professores é hoje tida como um desafio posto aos cursos de licenciaturas, sendo esta a de colaborar no processo de passagem dos estudantes de verem-se como alunos para verem-se como professor (PIMENTA, 2001). Para o autor, formar professores não é só conferir uma habilitação legal ao exercício profissional da docência. Do curso de formação inicial se espera que este forme o professor, ou que colabore para sua formação.

Nesse sentido, em razão da natureza do trabalho docente, ensinar como contribuição ao processo de humanização dos alunos historicamente situados as licenciaturas, além do conteúdo específico, precisam desenvolver nos alunos conhecimentos e habilidades, atitudes e valores. A partir disso, possibilitar lhes permanentemente irem construindo seus saberes-fazer docentes a partir das necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no cotidiano (PIMENTA, 2001).

Para Santos (2008), a discussão sobre a formação inicial de professores não se resume apenas à organização da grade curricular. Esta envolve a consciência sobre que tipo de educador queremos, quais competências profissionais são, hoje, necessárias para o exercício da profissão tanto na escola quanto em sociedade, na qual ambas apresentam novos e renovados desafios e contextos de aprendizagens que poderão ser mais ou menos favoráveis para esse objetivo.

Ainda para Santos, o estágio é o momento no qual as experiências são compartilhadas com os profissionais que nela atuam. Este momento fornece alguns argumentos que justificam o fato da prática adotada pelos cursos de formação de professores se dá no convívio da escola e em contato com o aluno. A aprendizagem se faz através da relação estabelecida com os futuros pares, mediante aquisição da experiência da prática social favorecendo a significação da atividade de ser professor mediante a apropriação pelo futuro professor, bem como dos conhecimentos socialmente elaborados sobre o fazer docente.

A formação inicial de professores, enquanto preparação profissional, passa a ter um papel muito importante na própria organização da educação nacional. Fato este devido a não ser só por este um momento de entrelace entre o nível básico e superior, mas, também, por representar o momento de inserção qualificada na escolarização, hoje cada vez mais necessária. (CURY, 2007).

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Art.53, assegura-se às universidades a autonomia de fixar o currículo de seus cursos e programas, estabelecendo planos, projetos de pesquisa científica, produção artística e atividades de extensão; elaborar e reformar estatutos e regimes, desde que observadas as diretrizes gerais. A discussão a respeito da necessidade de repensar a formação de professores e da importância do exercício da prática nessa formação apresenta reflexos na legislação. A LDB, no Art.65, estabeleceu que a formação de professores deve incluir prática de ensino de, no mínimo, trezentas horas.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Licenciatura, que normatizam a LDB, estabelecem que para os cursos de formação de professores de Educação Básica a carga horária mínima é de 2.800 horas, e amplia significativamente o número de horas práticas, sendo 400 destas de prática como componente curricular, vivenciadas no decorrer do curso, além de 400 horas de estágio curricular supervisionado a partir do início da segunda metade do curso. A partir disso, foi definido o estágio curricular supervisionado como o momento de efetivar, sob a supervisão de um profissional experiente, um processo de ensino aprendizagem que, tornar-se-á concreto e autônomo quando da profissionalização deste estagiário. Assim, o estágio curricular supervisionado supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é profissional (o professor titular) e o aluno estagiário (futuro profissional).

Os cursos de licenciatura passaram por modificações significativas, principalmente no que diz respeito à carga horária de atividades práticas e de contato com a escola e com a sala de aula. Essa distribuição das horas de prática durante o curso procura romper com a dicotomia entre as disciplinas específicas e as de formação pedagógica do tipo *três mais um*, denominação dada aos primeiros cursos de formação de professores que complementavam o curso de bacharelado, três anos de duração, mais um ano de formação pedagógica, habilitando-se assim em licenciado (BRASIL, 2004).

A partir disso, durante a prática pedagógica de Estágio supervisionado do autor, em uma turma de 8 série, foram analisados alguns aspectos que tangem o processo de estágio. Nesse sentido, foram entrevistados a equipe diretiva da escola composta pela direção, supervisão e orientação, bem como a professora regente da disciplina. A escola pesquisada, está localizada na cidade de Rio Grande/RS em um bairro um pouco afastado do centro da cidade.

2. O estágio supervisionado

Acadêmicos e professores entendem o estágio como uma atividade capaz de trazer os elementos da prática para serem objetos de reflexão, um espaço de formação para a realidade que irão, futuramente, atuar. Piconez (1995) reforça a importância do estágio supervisionado na formação do futuro professor por auxiliar o aluno a compreender e enfrentar o mundo do trabalho e contribuir para a formação de sua consciência política e social, unindo a teoria e prática.

Pimenta (1995), referindo-se à prática docente, afirma que para realizar o estágio, é preciso saber, conhecer e ter os instrumentos adequados e disponíveis, sendo que uma das formas de conhecer é fazendo igual, imitando, copiando, experimentando, no sentido de obter experiência, isto é, praticando. O exercício de prática docente pode desenvolver atividades que sintetizam todo um processo de conhecimento acadêmico adquirido em um curso universitário.

Ainda para o autor, a prática de ensino constitui-se como um espaço propício a construção de atitude investigativa, possibilitando aos alunos dos cursos de formação de professores delinear caminhos que lhes permitam interrogar e intervir em seu cotidiano pedagógico, como profissionais críticos e conscientes. Nesta mesma linha de reflexão, a organização curricular dos cursos de licenciatura, na maioria das vezes, trazem em sua concepção, desde o primeiro momento, a preocupação com a unidade teórica-prática, procurando consolidar a interação do saber, só saber fazer e só saber ser.

Apesar da preocupação expressa nas Diretrizes e embasada em substancial discussão teórica, as mudanças curriculares dos cursos de formação de professores não vêm conseguindo superar fragilidades históricas como o isolamento entre as disciplinas direcionadas à formação específica e as de formação pedagógica. Nesse sentido, Pimenta (2003) reafirma que o conhecimento do docente não pode estar alicerçado apenas no conhecimento específico das disciplinas a serem ministradas, mas é preciso interagir com os alunos, levando-os à construção de sua competência como professores e cidadãos. Sugere-se que a disciplina de estágio seja o eixo articulador entre a teoria e a prática, uma vez que reúne os conteúdos específicos do curso e os conhecimentos didáticos pedagógicos para a compreensão da realidade da escola e da sala de aula. Para o autor, o curso nem fundamenta teoricamente a atuação do futuro educador, nem torna a prática como referência para a fundamentação teórica, ou seja, carece de teoria e prática.

Apesar da importância da prática de ensino nos cursos de licenciatura, a organização curricular da maioria destes não garante o espaço/tempo necessário para o seu desenvolvimento com qualidade. Considera-se necessário ter um tempo para amadurecimento das questões suscitadas pelo estágio, na qual esse não está disponível na estrutura do curso, pois devem cumprir diferentes atividades nas diversas disciplinas que estão cursando e, conseqüentemente, não dispõe de muito tempo para dedicar-se integralmente ao estágio.

3. A Importância do estágio para a formação: a prática em campo

O campo de estágio para os alunos da licenciatura são as escolas de Educação Básica, basicamente as escolas públicas, de tal forma que segundo França (2008), o estágio curricular exige dos sistemas de ensino de Educação Básica uma participação ativa nesse processo, mediada pela construção de parcerias entre instituições formadoras e as escolas. Essa busca de parcerias junto às escolas requer um planejamento, um projeto de estágio que envolva as duas instituições. Por isso, é essencial que ambas participem de sua elaboração, ideia esta presente no parecer CNE/CP 27/, aprovado em de outubro de 2001:

É preciso que exista um projeto de estágio planejado e avaliado conjuntamente pela escola de formação inicial e as escolas campo de estágios, com objetivos e tarefas claras e que as duas instituições assumam responsabilidades e se auxiliem mutuamente, o que pressupõe relações formais entre instituições de ensino e unidades de sistema de ensino. (BRASIL, S/P)

Essa cumplicidade e parceria estabelece entre os centros formadores e as escolas, com propósitos semelhantes, o de melhor formação dos futuros professores, implicando uma maior compreensão do seu papel como agentes formadores no comprometimento de uma formação de qualidade. Essa parceria implica, necessariamente, uma maior compreensão por parte dos profissionais, tanto da escola quanto da instituição de ensino superior, acerca do seu papel enquanto espaços promotores da formação desses sujeitos, da mesma forma que requer compromisso ético e competência no desenvolvimento dessa tarefa, pois é preciso avançar na compreensão desta atividade para que seja possível estabelecer novos parâmetros para a produção de práticas comprometidas com uma formação qualitativamente melhor para todos os professores (FRANÇA, 2008)

Embora muitas escolas rejeitem a atuação de estagiários por fatores como, por exemplo, medo da reação dos pais, devido a problemas já enfrentados em outras situações. A não aceitação por parte de alguns professores titulares na questão das observações das aulas se dá pelo fato de que exige um maior trabalho na preparação e execução das mesmas, assim, também, evitam estágio no último trimestre, entre outras questões. No entanto, existem muitas escolas em que é rotineiro a cada ano receber uma leva de estagiários.

Essas circunstâncias originaram o presente trabalho que se desenvolveu em uma escola da zona urbana de Rio Grande/RS, que serviu de campo para o autor deste pudesse supervisionar a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado, de um curso de licenciatura em uma Universidade Federal, em 2011. A proposta deste é a regência de uma turma dos anos finais do Ensino Fundamental, perfazendo o total de 20 horas em práticas e outras 85 em sala de aula, na universidade, bem como planejamento das atividades e confecção da pasta a ser entregue ao supervisor de estágio ao final do mesmo.

Para entender às questões que permaneiam a relação da escola com o estágio supervisionado e, conseqüentemente, com a formação inicial de professores, lançou-se mão do instrumento de entrevista semiestruturada, que de acordo com Ludke e Andre *se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações* (1986, p.34).

O grupo entrevistado fora constituído pela professora regente da disciplina, coordenadora pedagógica, supervisora e diretor da escola em que houve a prática de estágio.

Anteriormente a etapa de execução do estágio, foi feito o processo de observação, isto é, organização dos espaços da escola, sala dos professores, conteúdos trabalhados pelo docente regente da disciplina, recreio, planejamento e práxis pedagógica dos professores de Educação Física da escola. Segundo relato do diretor da escola:

Trabalhamos com a perspectiva de que o estudante (acadêmico) tem que passar por três etapas: Observação, participação, e, por fim, regência. No qual o estudante deve priorizar a política educacional da escola.

Na escola pesquisada houve a consciência clara de que esta é um local imprescindível para a formação prática dos futuros profissionais do ensino, pois é em contato com a realidade escolar que o aluno consegue compreender o processo de ensino aprendizagem. Em seus estudos, França (2006) afirma que o aluno estagiário precisa viver a escola toda em sua amplitude, no contato com a direção e coordenação pedagógica, na comunidade, com os pais, e na interação com os alunos, para que possa compreender e situar-se neste contexto educativo de forma a demonstrar competências profissionais e compromisso ético com a sua futura profissão. Tal afirmação corrobora com a fala da professora entrevistada

A escola não está recebendo estagiários só porque é cômodo, mas sim porque sabe que a prática é uma coisa importante e que tem que fazer a diferença para o contexto e para a realidade escolar.

A partir disso, a professora entende que a escola desenvolve um papel de destaque na formação dos futuros professores, embora, nem sempre as mesmas tenham esse entendimento. Crê ainda na sua importância no papel formativo. Segundo a docente, é muito interessante que o estagiário aumente o tempo de observação na escola buscando subsídios para montar o material e organizar as aulas. Os alunos que estagiam na escola, geralmente, passam várias semanas fazendo observações na mesma para desenvolver o projeto de estágio de acordo com uma problemática ou situação levantada a partir da realidade do contexto escolar.

As escolas, em geral, estabelecem alguns procedimentos para acolherem as atividades do estágio. Primeiramente, o estagiário deve passar pela supervisão da escola, que vai fazer o elo, ou seja, o vínculo com o professor regente da turma. É exigência de muitas escolas que o trabalho do estagiário se integre ao projeto que a escola ou que o professor desenvolve, estando fundamentados na proposta pedagógica seguindo o regimento escolar. Em um outro momento, as escolas esperam que haja o acompanhamento do estágio pelo professor titular da turma.

A avaliação que os estagiários farão da aprendizagem dos alunos também é uma preocupação das escolas. Para isso é importante o acompanhamento do professor, pois segundo a supervisora entrevistada:

Corre-se o risco de ter uma avaliação feita pelo estagiário que não seja coerente com as outras que o professor fez ao longo do ano, podendo fazer com que o aluno reprove, fato este que pode trazer problemas à escola, pois é comum pais alegarem que o filho rodou porque havia estagiário na turma e que este não sabia explicar os conteúdos.

Esse contato entre o professor titular e o aluno estagiário é muito importante para o êxito do estágio. Hoje, mediante as mudanças introduzidas na concepção de formação de professores com as reformas curriculares, o papel do professor da escola básica que sempre se restringiu em “ceder” o espaço de sua sala para os estagiários, para que ali pudessem fazer suas observações e dar sua aula de regência, em cumprimento às exigências do curso de formação, compartilhando o no processo formativo dos futuros professores, está dando lugar ao que pode-se ser chamado de processo de interação entre escola-estagiário-universidade. (FRANÇA, 2006).

No entanto, ainda hoje, se encontra resistência por parte de alguns professores em disponibilizar a sua sala de aula para fazer observações. Segundo relato da supervisora:

Há professores que não gostam e deixam claro que não querem receber estagiários, porém, mesmo assim, os recebem.

A supervisão da escola acredita que um dos motivos seja a reação dos alunos, que muda com a presença de outra pessoa: *a forma como os alunos reagem é completamente diferente. Eles querem se mostrar, eles falam mais, eles se tornam exibidos, vamos dizer desta maneira: **querem aparecer***. Relata também que alguns professores não têm pré-disposição para ficar desenvolvendo atividades que julguem suficientemente boas para que o observador não perceba as falhas do trabalho, para que este não questione e tampouco fique criticando, pois acaba se tornando impossível o professor não se sentir observado, analisado, julgado e , conseqüentemente, avaliado.

França (2006), ao fazer referência as observações da sala de aula pelos estagiários relata que os professores alegam que os estudantes universitários atrapalham as aulas, são intrusos, estão lá somente para criticar e falar mal do trabalho deles. Fato este, muitas vezes, considerado verdade.

Para a Coordenadora Pedagógica da escola observada, há muita resistência para a observação de aulas, nos casos em que o professor não tem a formação para a disciplina que ministra, estando assim em desvio de função.

Noto que acontece, muitas vezes, com aquele professor que não é especialista da disciplina, então deram a matéria para ele lecionar para ele cumprir, completar a carga horária que ele precisa para fechar o seu número de horas na escola. Acontece, principalmente, nas disciplinas de Ensino Religioso, Artes, Sociologia, e Filosofia.

França (2006) acrescenta outras razões pelas quais pode-se explicar essa visão negativa dizendo que há professores que:

Se mostram mais receosos, defensivos, descrentes e, não é sem motivos, ao se considerar as críticas feitas por diferentes segmentos da sociedade em relação à escola, à qualidade do ensino, à desqualificação e a desvalorização do trabalho dos professores, que cada vez mais se sentem despreparados, inseguros, para dar conta das inúmeras tarefas e demandas decorrentes das reformas educacionais que vêm ocorrendo, desde os anos finais do século passado, com a intenção de melhorar o ensino público (2006, p.415).

As escolas, algumas vezes, enfrentam problemas com os estagiários e o receio de que voltem a acontecer está presente nos depoimentos das pessoas entrevistadas. Geralmente, são problemas relacionados, por exemplo, à falta de planejamento das aulas e problemas de disciplina na sala, conforme relato da supervisora:

Atualmente os estudantes estão se formando muito jovens, e jovens, muitas vezes, ainda não estão preparados para o controle, para a imposição de regras, e, inclusive, para cumprir aquelas que a escola tem. Teve vezes que o supervisor de estágio chegava e o estagiário não tinha o plano de aula do dia e acabava fazendo aquilo que vinha na cabeça, pois lá estava tudo pronto e organizado.

Segundo a direção da escola, há relatos de que estagiários largavam os alunos mais cedo, ou às vezes, chegavam e não tinham nada para fazer. Alguns levavam estes para ver televisão ou para a sala de informática sem ter a intencionalidade pedagógica muito clara. No entanto, problemas desse tipo não podem ser atribuídos apenas aos estagiários, mas também ao corpo docente, na qual muitos também possuem hábitos deste tipo.

4. A Parceria entre a escola e a universidade

Alguns dos problemas rotineiros do processo de estágio podem ser evitados mediante a parcerias entre estagiários, professor titular, escola e professores orientadores. É importante que os professores em exercício compreendam a importância de sua participação nesse processo, pois os professores universitários necessitam, frequentemente, entrar em contato com a realidade educacional através do contato com esses profissionais, nas escolas campo de estágio, para que possam, sob a orientação destes, desempenhar as atividades inerentes à docência num processo de aprendizagem ainda durante sua preparação formal. (FRANÇA,2006).

Nesse sentido, seria importante fortalecer esses laços mediante a tais parcerias, no sentido de garantia à escola e aos professores de educação básica, um espaço efetivo de participação nesse processo, pois tal formação supõe esse contato desde os primeiros anos de formação inicial. Essa postura, embora não seja uma proposta nova, não é comum nas escolas. Em muitos casos, conforme relato da direção da escola observada, para o professor titular, o estágio representa o descanso, o momento em que ele vai ter um pouco mais de tranquilidade. Uma mudança no papel do professor titular da turma como parceiro e agente na formação dos futuros professores acarreta mais compromisso e, conseqüentemente, mais trabalho.

A importância do papel da escola e sua relação com a universidade para a realização dos estágios parece ser clara nessa instituição, pois pelas palavras dos entrevistados, a escola está sempre aberta para receber os estagiários. A equipe da escola considera este como um fator tão importante tanto para a escola que cresce quanto para os estagiários.

Segundo a Supervisão escolar, constantemente a instituição manda ofício solicitando estagiários. A escola já abriga o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIDIB, tanto nas áreas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Química e Matemática. Tal programa político visa dar melhores condições para a construção plural de saberes da docência, contribuindo com a inserção de diversos acadêmicos desde os primeiros semestres dos cursos de licenciatura no ambiente escolar.

Nessa vertente, pensar esses saberes e colaborar para construção de outros podem enriquecer a perspectiva da profissionalização docente, desde que seja feita em diálogo permanente com a ambiência escolar. No entanto, apesar de receber estagiários, a equipe diretiva da escola acredita que exista uma menor procura pelas escolas pequenas. Além disso, acreditam que a localização da escola é outro aspecto determinante, pois caso se a mesma fosse central teria um número maior de estagiários.

O estágio como prática inovadora causa um anseio por parte das escolas de que os estagiários tragam ideias novas. Segundo a direção escolar, o estágio representa um novo olhar. A novidade para o aluno, para o adolescente, criança que só vem por meio do estagiário. Dificilmente o professor titular da turma se propõe a fazer coisas novas, diferentes. Eles fazem passeios, proporcionam formas diferentes de verificar o conteúdo, de observar as novidades enquanto que os professores se atêm muito às coisas mais comuns.

Essa ideia transparece também nos discursos da coordenação, supervisão e equipe de professores da escola. Acredita-se que a presença do estagiário traz uma visão nova para a escola, rejuvenescendo, muitas vezes, até mesmo o professor titular da turma. Segundo França (2006), há no processo de estágio uma dialética, algo a ser ensinado e aprendido

simultaneamente, indicando que o espaço dos estágios de ensino pode se constituir em uma via de mão dupla na construção de parcerias entre a escola e a universidade.

O conceito e a prática de inovação tem-se transformado significativamente nos últimos anos. A inovação é algo aberto, capaz de adotar múltiplas formas e significados, associados com o contexto no qual se insere (MESSINA, 2001). Devido as contínuas mudanças na sociedade, faz-se necessário que a escola também mude. Essa mudança tem tido uma maior relevância na formação que se espera do futuro professor, pois a profissão docente é de todas as profissões aquela em que se espera, em geral, um jovem profissional tenha uma prática marcada por um certo contraste com daqueles que já estão na profissão. Segundo Nóvoa (2010), espera-se que o docente introduza inovação, utilizando novos métodos de trabalho e propondo experiências de aprendizagem mais consentâneas com novas orientações curriculares.

A partir disso, um ensino inovador seria aquele sustentado pelos pilares da aprendizagem capaz de responder as exigências e qualidade, estando ancorado na relação docente/aluno/conhecimento, implicando mudanças no estilo didático, de revisão da prática docente e, conseqüentemente, por um reposicionamento por parte dos gestores educacionais. Para tanto, é importante que haja uma reflexão sobre a prática pedagógica, para pensar em novas formas de organização escolar, em novas metodologias de ensino e de avaliação da aprendizagem (RODRIGUES & ABRÃO, 2011).

5. Considerações do processo

Em síntese, os resultados da pesquisa mostram que existe nessa escola, em geral, uma opinião positiva sobre os estágios, embora em alguns casos haja uma contradição na questão em que, ao mesmo tempo em que elas esperam do estagiário o novo, o diferente, elas querem que ele continue o trabalho antes realizado pelo professor titular da turma e que siga as regras emanadas da escola, limitando, assim, um pouco o seu trabalho. A escola pesquisada entende que este lugar de estágio é importante para todos os envolvidos, principalmente para os acadêmicos que precisam deste espaço para a sua formação.

Ao mesmo tempo em que as escolas têm a expectativa de que os estagiários possam trazer algo novo, como proporcionar diferentes formas de verificar conteúdo, elas temem os problemas que os estagiários podem causar. Foi possível depreender das entrevistas, principalmente da supervisora que a equipe escolar considera a realidade da universidade muito distante da realidade das escolas, sugerindo que deveriam ser melhor aproveitadas as experiências dos profissionais da rede pública do ensino básico.

Outro tema levantado durante a coleta de dados foi a questão do retorno do que foi feito no estágio para as escolas, ou seja, fazer uma avaliação do trabalho realizado de forma a possibilitar melhorias da prática docente do professor titular. Muitas vezes, o estagiário não retorna a escola após o período de estágio. Fato este que poderia ser de grande valia a fim de proporcionar a escola, através do relatório feito pelo estagiário entregue à universidade uma possibilidade de rever os comportamentos, bem como a práxis utilizadas constantemente na escola por aquele grupo de professores.

6. Referências

- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores de Educação Básica**. Brasília, 2004.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. A formação docente e a educação nacional. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/conselheiro.pdf>. Acesso em: 31 Jun. 2010.
- FRANÇA, D. **Formação de professores: a parceria escola universidade e os estágios de ensino**. In: UNlrevista, São Leopoldo, 2006.
- LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 99 p., 1986.

MESSINA, G. **Mudança e inovação educacional**. Cadernos de pesquisa. 2006.
NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
PICONEZ, S. **A prática de ensino e o estágio supervisionado: a aproximação da realidade escolar e a prática de reflexão**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1991.
_____. A Prática de ensino e o estágio supervisionado: In: FAZENDA, Ivani Arantes. **O Papel do Estágio nos cursos de formação de professores**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1991.
PIMENTA, S.G. **O estágio na formação de professores**. São Paulo: Cortez, 200 p., 1994.
_____. **Formação de professores: os saberes da docência e a identidade do professor**. In Revista da Faculdade de Educação/USP, São Paulo, vol. 22, nº 2, julho/dez., pp. 72-89, 1996.
RODRIGUÊS, D & ABRÃO, R. **Habilidades e competências do professor de Educação Física**. In Revista Lecturas Educacion Física y Deportes, Buenos Aires, V. 162. P.1-8, 2011.

End, Av. Silva Paes 437, ap 201, Rio Grande, RS.